

**La Comédiathèque**

# **Retrato de Família**

**Jean-Pierre Martinez**



**comediathèque.net**

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.  
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,  
deve obter a autorização do autor:**  
<https://comediathèque.net>

# Retrato de Família

de Jean-Pierre Martinez

*Tradução pelo próprio autor*

Dois irmãos e duas irmãs que raramente se veem reúnem-se pela última vez na casa de férias da família com o objetivo de fazer a partilha da herança, após o falecimento da mãe. No entanto, as contas que eles têm que acertar não são apenas financeiras...

## **Personagens**

Pierre

Josiane

Jeff

Frédérique

© La Comédiathèque

## Pela manhã

*A sala de estar de uma casa de férias, mobilada de forma simples. Ao fundo, uma pequena lareira vazia. Pierre, com um aspeto intelectual, vem da cozinha com uma panela de água quente, que coloca na mesa, ao lado de um frasco familiar de Nescafé. Pierre explora todos os compartimentos de um aparador. Num deles, encontra uma chávena e coloca-a na mesa. Volta para abrir as gavetas em busca de uma pequena colher. Pierre senta-se, serve um café e começa a comer os "Pepitos" que estão dentro de um pacote. Ouve-se uma melodia de um telemóvel vinda do exterior da casa. Pierre bebe o seu café aos goles e termina os bolos enquanto lê a "Vie Financière". As manchetes do jornal situam o momento da ação: "Bug de l'An 2000 : les marchés inquiets à l'aube du nouveau millénaire..."*

**Pierre** (*lendo*) – Efeito 2000: os mercados preocupados na véspera do novo milénio...

*Jeff, em pijama às riscas e com ar sonolento, chega.*

**Jeff** (*bocejando*) – Já estás vestido?

**Pierre** (*sem parar de ler a sua revista*) – Detesto andar de pijama. Há água quente e Nes...

*Perante o olhar surpreso de Pierre, Jeff tira uma chávena e uma pequena colher do móvel, abrindo diretamente um compartimento e uma gaveta. Senta-se e serve um café. Agarra ansiosamente no pacote de bolos, mas ao verificar que está vazio, mostra uma expressão de desilusão no rosto.*

**Jeff** – Não há mais Pepitos?

*Pierre, que provavelmente comeu todo o pacote, não parece ter remorsos.*

**Pierre** – Claro, não viste!

*Jeff parece zangado, mas não diz nada, e Pierre continua a falar, ignorando a reação do irmão.*

**Pierre** – Fazes-me lembrar a mãe... Quando lhe perguntávamos: "Não há mais chocolate?", ela respondia: "claro, depois de vocês o terem comido".

*Jeff prefere não responder. Pierre muda de assunto.*

**Pierre** (*suspirando*) – Não consegui dormir a noite toda. Com esta tempestade...

**Jeff** – Que tempestade?

**Pierre** (*incredulamente*) – Não me digas que não ouviste nada! Pareciam tiros...

*Sem reação de Jeff, cujo comportamento Pierre observa com um olhar de etnólogo.*

**Pierre** – Ainda tens tendência a andar a dormir, não tens?

*Jeff começa a mexer o café mecanicamente.*

**Pierre** – Lembro-me de uma vez que te acordámos às onze da noite fazendo-te acreditar que não tinhas ouvido o despertador. Deixámos-te tomar o pequeno-almoço...

A mãe apanhou-te na rua. Estavas a ir para a escola de pijama. Era um domingo de agosto...

*Jeff começa a beber o café aos goles, sem responder.*

**Pierre** (*voltando ao presente*) – Acabei de adormecer de novo quando o camião do lixo me acordou! Passa sempre à mesma hora... Às cinco da manhã. Quando tínhamos vinte anos, isso não nos acordava, tenho a certeza. Voltávamos à mesma hora que o camião do lixo...

**Jeff** – Mmm...

**Pierre** (*surpreendido*) – Então, dormiste bem?

**Jeff** – Estava exausto. São muitos quilómetros para um único condutor. Por que nunca tiraste a carta de condução?

**Pierre** – Tentei tirá-la, mas chumbei.

**Jeff** – Só uma vez! Podias ter insistido um pouco...

**Pierre** – Não suporto o fracasso. Não gosto de conduzir, é só isso. E depois, quando vejo todos esses idiotas na estrada... Viste ontem? Até tu estavas prestes a ficar nervoso! Pega-se em qualquer pessoa, bem-arrumada, cavalheiro, perfeitamente equilibrada, dá-lhe um volante nas mãos, e ao fim de dez minutos está a insultar toda a gente e pronto para brigar com qualquer um. Como explicas isso?

*Desconcertado pela falta de reação do seu irmão, ocupado a mexer o café, Pierre levanta-se e examina tudo à sua volta.*

**Pierre** – Nada mudou. Há pelo menos quinze anos que não vinha aqui. E tu?

**Jeff** – Dois anos, com a Catherine e as crianças. Mas nunca no inverno.

*Pierre aproxima-se da lareira, aquecendo as mãos.*

**Pierre** – Agora percebo porquê...

*Fica em frente à lareira, em cima da qual há uma caixa grande de fósforos, uma lâmpada de acetileno e uma foto de escola a preto e branco colorida dos dois irmãos de avental azul e das duas irmãs de avental rosa.*

**Pierre** – Achas que isto funciona...?

**Jeff** – Costumávamos vir sempre em agosto... Ninguém nunca a usou para fazer fogo.

**Pierre** – Isso não quer dizer que não funcione...

*Pierre olha à sua volta.*

**Pierre** – Já temos os fósforos. Só falta a madeira...

*Jeff faz um gesto de desistência. Pierre começa a percorrer a sala, inspecionando tudo como se estivesse a verificar o estado da propriedade.*

**Pierre** – Quando é que assinamos no notário?

**Jeff** – Às três. Se o comprador não mudar de ideias.

*Pierre esfrega as mãos novamente para as aquecer.*

**Pierre** – Se ele a visitou no verão, não é impossível...

*Ele dá uma olhadela pela janela.*

**Pierre** – Sabes quem é aquele tipo?

**Jeff** – Que tipo?

**Pierre** – O comprador!

**Jeff** – Só falei com ele uma vez ao telefone. É um parisiense. Um fisioterapeuta, acho...

**Pierre** – Ele é simpático?

**Jeff** – O que é que isso muda?

**Pierre** – Nada... (*Pausa*) A Frédérique e a Josiane vêm juntas?

**Jeff** – A Josiane apanhou o comboio noturno. Deve chegar esta manhã. A Frédérique acabou de me ligar do aeroporto. Foi o que me acordou...

**Pierre** – Ela vai fazer a ida e volta no mesmo dia?

**Jeff** – Não sei.

*Jeff bebe o seu café aos poucos. Pierre, de volta à lareira depois de ter percorrido a sala, pega na fotografia das quatro crianças.*

**Pierre** – Já não me lembrava desta foto. Como é que ela veio parar aqui?

**Jeff** – Acho que foi a mãe que a trouxe. Da última vez que ela veio aqui com o pai. Antes de ele voltar para a Amazónia...

*Pierre examina a fotografia de perto com um sorriso meio irónico, meio amargo.*

**Pierre** – É engraçado, não é? É uma fotografia a preto e branco colorida a lápis. Na nossa época, isso era comum. A fotografia a cores ainda devia ser experimental.

**Jeff** – Era no século passado...

**Pierre** – Sinto-me como um filme antigo colorido... É estranho ver esta foto de novo... Tudo se realizou, não é?

**Jeff** – O quê?

**Pierre** – Na foto! Já se vê o que cada um de nós ia ser... A Frédérique com o seu sorriso artificial. A Josiane com o seu olhar irónico. Tu, diríamos que não te importas com nada, e eu pareço um cão maltratado.

*Jeff continua a beber o seu café sem responder.*

**Pierre** – Lembra-te do momento em que a foto foi tirada?

**Jeff** – Não.

**Pierre** – Eu também não me lembro muito. É engraçado, quase não tenho memória da minha infância. Além disso, também não tenho muitas fotografias de quando era criança para me ajudar a lembrar.

**Jeff** – Naquela altura, não tirávamos tantas fotos como agora.

**Pierre** – É verdade, esta mania de fotografar tudo hoje em dia é irritante. Sabias que o Jérôme filmou o parto da Frédérique com a câmara de vídeo? Não sei se eles veem o vídeo muitas vezes aos sábados à tarde... Deviam ter filmado também o momento da concepção e montar tudo como se fosse um documentário. Tipo "A Vida dos Animais"... Adoro documentários sobre animais. Os comentários têm sempre um tom tranquilizador. Edificante. Do tipo "apesar de tudo, a natureza faz tudo certo, não há nada para inventar", "os grandes comem os pequenos, mas é apenas para evitar que haja demasiados", "os mais fracos são condenados, é triste, mas é para preservar a pureza da raça". (*Olha de novo para a foto*) De qualquer forma, teria gostado de saber como era quando era bebé. Acho que esta é uma das fotos mais antigas que já vi de mim. Devia ter pelo menos cinco anos... (*Irónico*) Não é impossível que os meus pais me tenham adotado nesta idade e nunca tenham tido coragem de me dizer. Vi isso numa série de televisão. Nesse caso, vocês não seriam realmente meus irmãos...

*Pausa.*

**Jeff** – Acho que um fotógrafo veio à escola.

**Pierre** – Reuniram-nos para a foto. Lembra-te, as aulas ainda não eram mistas. Até no recreio, o espaço estava dividido ao meio por uma fronteira imaginária. Os rapazes de um lado com camisa azul, as raparigas do outro com rosa. Com estrita proibição de atravessar a linha de demarcação. Exceto para ir à casa de banho, que ficava no lado das raparigas. Eu gostava de uma rapariga que só conseguia ver quando ia fazer xixi. Muitas vezes precisava de fazer xixi. Mas nunca lhe disse nada. Fico a pensar no que terá sido dela. Nem sequer sei o nome dela...

**Jeff** – Há quanto tempo é que não vês a Josiane e a Frédérique?

*Pierre coloca o retrato.*

**Pierre** – Desde o funeral da mãe... É estranho dizer isto. Não consigo compreender por que ela teve que morrer... Não é que isso me deixe particularmente triste, na verdade... Mas é estranho ser órfão.

**Jeff** – O pai não morreu...

**Pierre** – Não se sabe nada sobre ele. Não o vemos há anos. Nem sequer veio ao funeral da esposa. Achas que se os canibais o tivessem comido, nos teriam enviado um atestado de óbito?

**Jeff** – Ainda há canibais na Amazónia?

**Pierre** – Há piranhas... Dizem que um cardume de piranhas pode devorar uma vaca em cinco minutos. Deixam apenas os ossos. Então o pai, imagina... A verdade é que ele nunca esteve realmente connosco, não é? Por isso, quando ele morrer, mal se notará. Será apenas uma formalidade. Sabes, é como as pessoas que se casam depois de trinta anos de convivência, para "oficializar a coisa". Quando ele morrer, será para oficializar o seu desaparecimento... Tenho um amigo que passou quinze anos da sua vida em psicanalistas tentando recuperar o diálogo com o pai. Quinze anos, percebes?

**Jeff** – E como correu?

**Pierre** – Infelizmente, ao fim dos quinze anos, o pai dele já tinha morrido...

**Jeff** – Oh, não exageremos... Não somos mártires, afinal. Pelo menos tivemos pais...

**Pierre** – Sim... Sim, sempre se encontra alguém mais infeliz, podes ter a certeza. Mas é curioso, essa espécie de filosofia nunca me consolou verdadeiramente. É como dizer a uma pessoa com uma única perna: "não te queixes, podias ser um aleijado sem pernas." *(Pausa)* Sabes o que o tio Alberto me confessou há alguns anos?

**Jeff** – O quê?

**Pierre** – Que ele tinha escolhido o meu nome. A mãe acabara de dar à luz. O pai devia estar ocupado, como de costume. Então o tio Alberto foi ao registo civil para me registar. Ao que parece, deram-lhe carta branca para o nome. Afinal, era só um pomenor.

**Jeff** – Era outra época...

**Pierre** – Até naquela época, havia pais que iam ao registo civil para dar nome aos seus filhos.

**Jeff** – É verdade que na nossa família sempre houve problemas com nomes. O que posso dizer! Durante dez anos, toda a gente achava que me chamava Christophe. Até ao dia em que a mãe percebeu, ao pedir uma certidão de nascimento na câmara municipal, que o pai não me tinha declarado com esse nome.

**Pierre** – Pelo menos, ele deu-te um nome. E, além disso, deu-te o nome dele...

**Jeff** – Não tenho a certeza de que tenha sido uma melhoria... Jesus, não é um nome fácil de carregar.

**Pierre** – Em Espanha, é muito comum...

**Jeff** – Em França, menos. Jesus! E pensar que ele nem nos fez batizar...

**Pierre** – Não te queixes, há muitos judeus chamados Judas.

**Jeff** – Ah, sim?

**Pierre** – Assim como há alemães chamados Adolf, se preferires...

**Jeff** – De qualquer forma, sempre me chamaram Jeff. Não sei porquê... Toda a gente pensa que é de Jean-François. *(Pausa)* Vens a casa no Natal?

**Pierre** – Para quê? Para aplaudir os discursos antissemitas e homofóbicos do meu querido cunhado?

**Jeff** – É só provocação...

**Pierre** – Escuta, com o Jérôme a apoiar as ideias da Frente Nacional ao mesmo tempo que vota em branco e a Frédérique a votar na Frente Nacional condenando as suas ideias... Juntos, eles são as duas metades de um eleitor de extrema-direita.

**Jeff** – Basta, o padrinho da filha dele é judeu...

**Pierre** – Oh, isso é uma grande desculpa! Não sou racistas, porque tenho amigos judeus. Muito engraçado, aliás, tendo em conta que são judeus. Eles viajam, como nós, num Mercedes. Vão esquiar na Áustria e chamam à filha Ingrid. Há idiotas entre os judeus também, como não! Até os há na Frente Nacional. Quero dizer, judeus. Judeus idiotas. Ou idiotas judeus, se preferires.

**Jeff** (*divertido*) – Estás em forma esta manhã.

*Pierre também sorri, claramente satisfeito com a sua diatribe, e serve-se de novo de café. Gosta de falar, ainda mais de se ouvir falar.*

**Pierre** – Sim, mas há limites, não achas?

**Jeff** – Claro, às vezes era melhor ficar calado.

**Pierre** – Então, por que é que não lhe disseste nada da última vez?

**Jeff** – Tu também não disseste nada...

**Pierre** – Mas eu fui embora...

**Jeff** (*levantando-se*) – Ir embora nem sempre é a solução...

*Jeff afasta-se pelo corredor. Pierre olha para ele enquanto ele se afasta, visivelmente perplexo. Depois, volta a ler a "Vie Financière". O telemóvel de Pierre toca.*

**Pierre** – Sim? (*Sorrindo*) Sim... Bem... Não, não havia muito tráfego... Não, elas chegam esta manhã... (*Falsamente indiferente*) Então, já tens os resultados do laboratório? (*Desapontado*) Esta tarde? Não, vou ligar novamente... Não estou inquieto, mas quando nunca fizeste o teste...

*A porta de entrada abre-se. O rosto de Pierre fica tenso. Josiane chega puxando uma mala de rodinhas, um sorriso congelado nos lábios. Ela veste um uniforme extravagante, uma espécie de poncho mexicano.*

**Pierre** (*perturbado*) – Desculpa, tenho que te deixar. A Josiane acabou de chegar... Sim, sim, direi quando for a hora... Eu também... Um abraço...

**Josiane** (*com firmeza*) – E vocês, quando chegaram?

*Pierre levanta-se e dá-lhe um beijo, friamente.*

**Pierre** – Ontem. Tarde...

*Josiane coloca a mala num canto e dá uma olhada na sala.*

**Josiane** – Uau, que cabana!

*Pierre olha para ela, esperando um comentário que não chega.*

**Josiane** – Vamos congelar aqui, não? Não entendo por que os nossos pais nunca mandaram instalar aquecimento...

**Pierre** – Talvez porque só vinham em agosto...

**Josiane** – O teu irmão anda por aqui?

**Pierre** – Também é o teu, não? Está no quarto dele...

**Josiane** – É verdade que ele não é madrugador...

**Pierre** – Por que queres que ele acorde cedo? Vamos assinar esta tarde...

**Josiane** – E então? O que vais fazer com todo o dinheiro?

**Pierre** – Não sei...

*Josiane pega na "Vie Financière" em cima da mesa.*

**Josiane** – Agora lê a "Vida Financeira"?

**Pierre** – Faço negociações na Bolsa pela Internet.

**Josiane** – A Bolsa... Não é muito arriscado?

**Pierre** – Como o amor... Se não queres ter um filho às costas, é preciso saber quando recuar.

**Josiane** – E ganhas muito dinheiro com isso?

**Pierre** – Depende, mas sim...

**Josiane** – Então, vais ter que me dar conselhos. Para investir a minha herança...

**Pierre** (*irónico*) – Oh, não é muito complicado, sabes? Com um pouco de senso comum... Pouco antes do Natal, como hoje, compras ações de uma empresa de brinquedos. Depois, antes do Dia das Mães, vendes e compras ações da Moulinex.

**Josiane** – Moulinex? Não está falida?

**Pierre** – Por causa das feministas. Agora, as crianças não se atrevem a oferecer um espremedor de sumos ou um ferro de engomar no Dia das Mães...

**Josiane** (*confidencial*) – Aliás, estás a par?

**Pierre** – A par do quê?

**Josiane** – Da situação do Jesus! Vai declarar falência...

**Pierre** (*exasperado*) – Não podes chamá-lo de Jeff, como toda a gente? Foi ele que te disse?

**Josiane** – A mulher dele. Coitado... Não sei o que ele vai fazer agora.

**Pierre** – Só tens que lhe perguntar.

**Josiane** – À Catherine?

**Pierre** – Não, a ele! Ao teu irmão Jeff!

**Josiane** – Ele não nasceu para ser chefe, isso estava claro!

**Pierre** – Oh, sim? Porquê?

**Josiane** – Não vês a que horas ele se levanta! Eu, aliás, não consegui pregar olho a noite toda. Havia tanta gente neste comboio! O pior foi que me caiu em cima uma tribo de portugueses com um monte de miúdos. Um deles tinha papeira e passou a noite aos berros. O resto da família não parava de comer melancia e chouriço para passar o tempo, até à manhã seguinte...

*Pierre opta pela ironia.*

**Pierre** – Não te propuseram?

**Josiane** – Propuseram, sim! Mas eu não quis! O compartimento estava infestado. Deu-me náuseas...

**Pierre** – Lembro-te que somos de ascendência espanhola. O teu sobrenome de solteira é Fernández...

**Josiane** – Bem, vou dar uma volta para apanhar ar. Tenho a sensação de ainda cheirar a chouriço.

*Ella sai. Pierre fecha a sua revista e sai com a panela em direção à cozinha. Jeff chega, vestido. Ele usa um traje bastante formal, mas não elegante, como um executivo de uma pequena empresa que fez um esforço para se vestir para uma reunião importante. Depois de um momento, Josiane retorna, usando um suéter grosso, com a revista "Le Chasseur Français" sob o braço. Jeff e Josiane se cumprimentam friamente.*

**Jeff** (*surpreso*) – O Caçador Francês... Estás indo caçar?

*Josiane responde sem se importar.*

**Josiane** – É por causa dos anúncios classificados...

**Jeff** – Anúncios classificados?

**Josiane** – Anúncios de casamento!

*Jeff fica surpreso e irritado ao mesmo tempo.*

**Jeff** – E então?

**Josiane** – Sabes, é o mesmo que para carros.

**Jeff** – Ah?

**Josiane** – Tens que fazer comparações...

**Jeff** – E encontraste o modelo que querias?

**Josiane** – Ainda não. Infelizmente, com a minha idade, tenho que me contentar com o mercado de usados. E tu?

**Jeff** – Eu o quê?

**Josiane** – Como está a tua mulher?

**Jeff** – Está bem.

**Josiane** – E as crianças?

**Jeff** (*friamente*) – Podes dizer "as minhas crianças". Agora têm o meu nome...

**Josiane** – Oh, não é a mesma coisa afinal. As tuas crianças também são um pouco usadas...

*Silêncio de Jeff, que visivelmente se segura para não explodir.*

**Josiane** – E o negócio?

**Jeff** – Está bem...

**Josiane** (*rindo*) – Para ti, tudo está sempre bem, não está?

**Jeff** (*um pouco irritado*) – Não disse que era maravilhoso. Disse que estava bem...

**Josiane** – E o Pierre?

**Jeff** – O quê, o Pierre?

**Josiane** – O trabalho dele! Vi um dos seus seriados na TV outro dia. Foi o meu filho que me disse para assistir. Que bobagem!

**Jeff** – É para jovens... De qualquer forma, pagam bem.

**Josiane** – Isso é o que importa. Eu deveria ter feito isso em vez de obter o meu diploma de professor aos cinquenta anos para tentar alfabetizar esses pequenos selvagens...

*Ela se concentra na leitura dos anúncios classificados. Pausa. Pierre volta com água quente. Pierre, Jeff e Josiane servem café.*

**Josiane** (*com um sorriso nos lábios*) – Oh, este Nescafé é realmente péssimo!

*Os outros dois, que não precisavam desse tipo de estímulo para tomar a bebida, olham para ela com um olhar reprovador. Mas Josiane continua falando.*

**Josiane** – Felizmente, o frasco está quase vazio. Deve estar aqui há anos. Um grande frasco familiar assim. (*Como se fizesse um cálculo mental*) Com uma colher de chá por xícara, um mês por ano no verão...

*Pierre rejeita definitivamente a sua xícara. A porta se abre. Frédérique entra, com um cachecol da Hermès, joias de ouro e uma bolsa da Vuitton, com uma aparência muito chique.*

**Frédérique** – Bom dia.

**Pierre** (*sem se levantar*) – Olá.

*Josiane e Jeff se levantam para abraçar a sua irmã.*

**Jeff** – Tiveste uma boa viagem?

**Pierre** – Há apenas uma hora de voo. Não é uma viagem muito cansativa...

**Frédérique** – Sempre tão gentil...

**Josiane** (*com o frasco de Nescafé na mão*) – Queres café?

**Frédérique** – Obrigada, já almocei no avião.

**Josiane** – Fizeste bem.

**Jeff** – Há um quarto para ti. Mas talvez tenhamos que trocar os lençóis.

**Frédérique** – Não vale a pena, vou embora de novo esta tarde...

**Josiane** – Ah, sim? É uma pena. Viajar tantos quilômetros por tão pouco...

**Pierre** – Oh, viajar por cerca de 200.000 cada um...

*Os outros olham para ele com ar inquisitivo.*

**Pierre** – A Frédérique veio como nós para a venda, não é? Ela não percorre dois mil quilômetros em um dia para passar algumas horas em família, à beira-mar, em dezembro...

**Frédérique** – Não vieste para isso também?

**Pierre** – Sim... É o que acabei de dizer. Viemos todos para a mesma coisa.

**Josiane** – 200.000 francos cada um... (*Com dúvida, para Jeff*) Tens a certeza de que estamos a vender esta cabana a um preço suficientemente alto?

**Jeff** – Já estava à venda há um ano. Mesmo a esse preço, os compradores não se apressaram. Se esse terapeuta não tivesse me telefonado há um mês...

**Josiane** (*com um tom de repreensão*) – Talvez deveríamos ter feito um pouco de publicidade. Não sei, eu. Colocar alguns anúncios...

**Jeff** – Ninguém te impediu de fazer isso. Olha, no "Le Chasseur Français", por exemplo...

**Josiane** – Sim, mas como foste tu que tratou disso!

**Jeff** – Quem decidiu que eu devia fazer isso? Não tenho só isso para fazer. E eu não estava aqui para cuidar disso.

**Josiane** (*deixando de ouvi-lo*) – Oh, esta casa! Finalmente, esta tarde vamos nos livrar dela. (*Josiane toma um gole de café*) Frio, é ainda pior! (*Olhando para os outros com um sorriso*) Querem mais café?

*Pierre se levanta.*

**Jeff** – Vou ver se encontro alguns jornais.

**Pierre** – Vou contigo. Aproveitamos para tomar um café de verdade.

**Josiane** – Você me trazes o "Nouvel Obs"? Sai hoje.

*Pierre olha para sua irmã com uma expressão surpresa.*

**Pierre** – Lê o "Nouvel Observateur" agora? Não percebeste que é um jornal de esquerda?

**Josiane** – É por causa dos anúncios...

*Pierre a olha sem entender, mas não insiste.*

**Jeff** (*para Frédérique*) – Queres que te traga alguma coisa?

**Frédérique** – Apanhei "Madame Figaro" no avião.

**Pierre** – Não sei porquê, mas nos aviões, mesmo quando se trata de revistas femininas, só se pode ler revistas de direita...

*Pierre e Jeff saem.*

**Frédérique** – Não tem jeito.

**Josiane** – Jeff?

**Frédérique** – Não, Pierre!

**Josiane** – Ah, temos que aceitá-lo como ele é. Ele nunca fez nada como os outros. Não te lembras? Quando era criança, já tinha aprendido a tricotar. Até fez uma bufanda para mim... (*Frédérique parece não se lembrar disso*) Não achas estranho? Nunca o vimos com uma rapariga...

**Frédérique** – Talvez ele não quisesse nos apresentar...

*Josiane muda de assunto.*

**Josiane** – E como estão os teus filhos?

**Frédérique** – Bem... Carlota parece gostar da sua nova escola. Espero que funcione desta vez, porque custa uma fortuna...

**Josiane** – Ah, sim.

**Frédérique** – Agora, já sabes, se não estás disposta a pagar...

**Josiane** – Quanto?

**Frédérique** – 5.000.

**Josiane** – Por ano?

**Frédérique** – Por mês...

**Josiane** – 5.000 francos por mês! Como dizes! É quase o que ganho como professora na escola!

**Frédérique** – Eu sei que é caro, mas o que queres? Para ter algo bom, tens de pagar.

**Josiane** – A faculdade é gratuita.

**Frédérique** – Francamente, encontrar-se na universidade com todos que vão lá. Agora toda a gente vai para a universidade... Não há seleção!

*Pausa.*

**Josiane** – E Maximilien?

**Frédérique** – Ele está a fazer um estágio de três meses. Pela sua escola de comércio.

**Josiane** – Ah, ótimo! E onde?

**Frédérique** – No McDonald's... *(Pausa)* Em Miami.

**Josiane** – Em Miami!

**Frédérique** – Sim, ele escolheu a secção internacional.

**Josiane** – Isso também deve estar a custar uma fortuna!

**Frédérique** – Bem sabes. Sobretudo tendo em conta que o estágio não é remunerado. Com a passagem e a acomodação, fica por volta de 60.000. Enfim, a escola trata de tudo. Eles têm uma rede de colocação muito eficaz. Agora, para conseguir um estágio... Sem contatos...

**Josiane** – Mas o que ele está fazendo lá? Ele está cuidando do marketing?

**Frédérique** – Não, ele está na venda.

**Josiane** – Na venda?

**Frédérique** – Sim, ele atende os clientes. A filosofia americana é que tens que começar desde a base. Para entender como tudo funciona.

**Josiane** – Queres dizer que estás a pagar 60.000 francos para o teu filho servir hambúrgueres no McDonald's por três meses?

**Frédérique** – Na Flórida! E assim, ele aperfeiçoa o seu inglês. É o ponto fraco dele. *(Pausa)* E Bruno, o que ele está fazendo?

**Josiane** – Ele está estudando filosofia na universidade. Ele tem boas notas...

**Frédérique** – Filosofia, nos dias de hoje... Isso leva a algum lugar?

**Josiane** – Pelo menos os estudos são gratuitos...

**Frédérique** – O que ele quer fazer depois?

**Josiane** – Ele quer ser professor. Neste verão, ele vai ser contratado como estoquista na Auchan. Não é muito emocionante, mas pelo menos ele ganha algum dinheiro para gastos menores. E assim, ele sabe o que o espera se ele não passar nos exames para ser professor. Ele encontrou uma namorada... Estou feliz que ele esteja saindo. Nem sempre foi fácil para ele. Com o meu divórcio...

**Frédérique** – Às vezes, é melhor um bom divórcio do que um casamento ruim...

**Josiane** – Ainda assim, quando são pequenos, isso os marca. Por mais que se diga, uma criança precisa da mãe e do pai.

**Frédérique** – Mas vocês não paravam de brigar com Gérard! Fui à vossa casa três vezes em dez anos. E três vezes tive direito a uma briga conjugal. Suponho que não foi em minha honra. Isso não me encorajou a voltar muito. O que eu não entendo é como um tipo que era psicanalista poderia ser tão inábil na educação do seu próprio filho. Vocês nunca concordavam em nada, especialmente na educação de Bruno, e discutiam na frente dele.

**Josiane** – Como diz o ditado. Em casa de ferreiro, espeto de pau. Além disso, quanto à educação das crianças, Freud dizia: "Não importa o que faça, de qualquer forma estará errado."

**Frédérique** – No entanto, sempre nos sentimos um pouco responsáveis... (*Olha para a sala*) Não consigo acreditar que a casa será vendida. Apesar de tudo, temos boas lembranças aqui... É estranho. Todo ano, estávamos amontoados em três quartos sem banheiro, com pais embrutecidos pelo trabalho que mal nos dirigiam a palavra, e durante um mês por ano, vivíamos em uma casa confortável, com pais quase normais...

**Josiane** – Miami Playa... Que nome para uma casa que nem sequer está realmente à beira-mar...

**Frédérique** – Deve trazer lembranças de Espanha... Por que ele nunca voltou lá, na verdade?

**Josiane** – Isso... Terias de perguntar a ele... Se o virmos de novo um dia... No início, acho que era por causa dos papéis. Ele tinha medo de não ser autorizado a voltar para a França. Depois, ele deve ter pensado que estava muito longe...

**Frédérique** – Bem... É provavelmente por isso que ele preferiu se estabelecer em Manaus... Pensei em comprar esta casa. Mas Jérôme não concordou. De qualquer forma, não era a hora...

**Josiane** – Oh, mesmo a esse preço, não tenho certeza se teria sido uma boa compra.

*Pausa.*

**Frédérique** – Não entendo por que Pierre me trata assim. Eu não fiz nada a ele. Isso também me entristece. Nos dávamos bem antes, não?

**Josiane** – Antes de quê?

**Frédérique** (*desanimada*) – Eu não sei... Antes.

*Josiane, que não quer ouvir mais, olha também para a sala.*

**Josiane** – Temos que arrumar um pouco a casa antes de sair. Que quantidade de poeira!

*Escuro.*

## Ao meio-dia

*Os quatro retornam do lado de fora e tiram seus casacos.*

**Josiane** – Bem, obrigada pelo convite, Jeff. E então? O que acharam do restaurante?

**Frédérique** – A decoração não estava má...

**Josiane** – Ah, sim. Tudo muito típico. Até o dono tinha uma aparência muito típica! E também não comemos mal. Pelo preço...

**Jeff** – Claro, não era um restaurante gourmet. Mas no bairro não há muita coisa.

**Josiane** – Tenho certeza de que o peixe não era da última safra... É incrível que sirvam peixe congelado quando estamos a apenas alguns quilômetros do mar.

**Pierre** (*irritado*) – Escuta, da próxima vez, és tu que nos convidas, certo? E escolhes o restaurante que quiseres.

**Josiane** – Espero que não fiquemos doentes, pelo menos. Com os congelados, nunca se sabe. Às vezes, a cadeia de frio é quebrada... Vou ver se tenho um Alka-Seltzer. Não me sinto muito bem...

**Pierre** – Isso mesmo, vai.

**Frédérique** – Acho que tenho um.

*Josiane e Frédérique vão para os quartos.*

**Pierre** – Ela não tem jeito. Parece que em toda família, o membro mais velho sempre é o mais frágil, psicologicamente...

**Jeff** – Ela sempre foi assim. Não vai mudar à idade dela.

**Pierre** – Aliás, qual é a idade dela? (*Jeff não responde*) Bem, o que fazemos esta tarde? (*Brincando*) Vamos para a discoteca?

**Jeff** – Sou um homem casado. Mas vai tu, se quiseres.

**Pierre** – Agora, provavelmente tudo está fechado. Lembra-te, passávamos todas as nossas noites na discoteca durante as férias. Eu achava que era a melhor maneira de paquerar. Já que todo mundo ia lá para isso. Isso parecia lógico, estatisticamente falando. No entanto, nunca fiz uma conquista na discoteca. Na lavanderia, no metrô, no dentista, sim. Na discoteca nunca... As garotas não devem achar isso muito romântico. No máximo, para se divertir por uma noite com um desconhecido. Mas não para encontrar o homem de sua vida. O tipo de gajo que vai paquerar na discoteca não deve inspirar confiança a elas. Além disso, eu não conheço nenhum casal casado que tenha se conhecido em uma discoteca. Conheces algum, tu?

**Jeff** – Sim... Conheci a Catherine em uma discoteca.

**Pierre** (*surpreso*) – Bem, o melhor é eu tirar uma soneca...

**Jeff** – Não precisa generalizar sempre, esse é o teu problema. Para ti, a tua vida não é estatística. As estatísticas são a vida dos outros.

**Pierre** (*surpreso*) – Sabes o quanto isso que acabaste de dizer é forte?

**Jeff** (*irritado*) – Não, não sei, claro. Quando algo sensato sai de mim, é por acaso. Não faço de propósito. Felizmente, estás aí para me mostrar.

**Pierre** – Desculpa...

**Jeff** – Tens outro problema, Pierre. Tens uma tendência a considerar as pessoas como idiotas.

*Jeff levanta-se para pegar uma revista, e Pierre imita-o. Josiane e Frédérique também retornam com revistas.*

**Jeff** (*para Josiane*) – Estás melhor?

**Josiane** – Vomitei tudo.

**Pierre** (*chocado*) – Estás melhor, então.

**Josiane** – Ainda não estou totalmente bem. Ainda sinto que tenho uma fatia de atum presa no estômago...

**Frédérique** – Talvez seja uma alergia. Alergias ao atum fresco são muito comuns.

**Pierre** – Sim, deve ser isso. O peixe estava muito fresco.

*Jeff lê "Le Point". Pierre lê "Vie Financière" e Frédérique lê "Madame Figaro". Josiane termina "Le Chasseur Français" antes de pegar "Nouvel Obs". Pierre levanta os olhos de sua revista e olha, surpreso, para o que Josiane está lendo.*

**Pierre** – À procura de um marido?

**Josiane** (*rindo*) – Oh, não tenho certeza de poder encontrar um. Na minha idade...

**Pierre** (*irônico*) – De qualquer forma, entre uma revista para caçadores de direita e uma revista para intelectuais de esquerda, cobres tudo... Deverias também criar um perfil na internet, assim abrangerias todo o planeta.

*Josiane realmente interessada, levanta os olhos do seu jornal.*

**Josiane** – Tu achas?

*Pierre não pode acreditar que a sua irmã o esteja levando a sério.*

**Pierre** – Sim, colocas a tua foto com uma mensagem cativante. Até podias retocar um pouco a foto. Hoje em dia, pode-se fazer truques incríveis com o digital...

**Josiane** – Talvez tenhas razão. Eu teria que me atualizar com a multimídia... Mas não sei se conseguiria. Sabes como fazer isso?

*Antes que Pierre possa responder, um telemóvel toca. Josiane agarra o seu.*

**Josiane** (*gesticulando*) – Deve ser o meu... Deram-me um de presente de Natal. Temos de viver de acordo com os tempos... (*Pouco habituada a este tipo de aparelho, ela pressiona violentamente as teclas*) Diabos, como é que isto funciona... (*Com falsa simpatia*) Sim? Sim, sou eu... Sim, bom dia... Sim... Sim, a cinquentona... (*Ela percebe que os outros a ouvem apesar de tudo*) Bem, mais perto dos cinquenta do que dos sessenta, afinal... Sim, reparei no seu anúncio por acaso na "Le Chasseur Français" e... Ei, não, não caço. Devo tê-lo folheado no cabeleireiro... Divorciada, sim... E o senhor? (*Mudando de expressão abruptamente*) Oh... E de que é que ela morreu? (*Rindo*) Se não for indiscreto, claro... Oh... Ela deve ter sofrido muito... Eu acho que em casos assim, deveriam dar uma injeção... (*Os outros olham perplexos para ela*) Sim, isso deve ter deixado um vazio... Não, eu não tenho animais... Apenas um filho... (*Rindo*) Mas ele também faz as suas necessidades, sabe! Gosta de crianças? Não, acho que é um pouco tarde para isso, não é? Na nossa idade, não seria normal, com certeza...

*Josiane afasta-se para os quartos para ficar mais à vontade. A conversa já não é audível.*

**Pierre** – Coitado do miúdo. Percebem? À idade de dez anos, a mãe dele teria quase setenta anos!

**Frédérique** – Isso é um raciocínio de tio. Os homens não se preocupam em deixar a mulher de cinquenta anos para repovoar o planeta.

**Pierre** (*provocador*) – Para os homens, não é exatamente a mesma coisa...

**Frédérique** (*veemente*) – Oh sim? E em que difere? Lembrem-se de que as mulheres vivem mais tempo. O lógico seria que elas pudessem ter filhos mais tarde.

**Pierre** – A diferença é que, em geral, os homens de cinquenta anos têm filhos com mulheres mais jovens. Esta é a média. Josiane, por outro lado, deve ser mais compatível com homens mais velhos, não?

**Frédérique** – O que sabem sobre isso?

*Jeff, preocupado, tenta indicar a Pierre que seria melhor mudar de assunto.*

**Pierre** – Não acho que muitos gajos de vinte anos coloquem anúncios na "Le Chasseur Français"...

*Frédérique parece afetada por esta conversa, que a atinge pessoalmente.*

**Frédérique** – Os homens... São todos iguais!

*Frédérique sai.*

**Pierre** – Eu não sabia que ela era tão feminista! O que acontece? O que me importa se Josiane quiser se envolver com garotos?

**Jeff** – Acho que o problema são mais os homens de cinquenta anos que enganam suas esposas com garotas mais jovens. Seria melhor evitar esse tópico...

*Pierre, confuso, tenta entender. Josiane e Frédérique retornam.*

**Josiane** – A que horas temos a consulta?

**Jeff** – A agência disse às 15 horas.

**Josiane** – 800.000 francos... Afinal, não é uma fortuna... especialmente quando dividido por quatro...

**Pierre** – Oh, não te preocupes. Um de nós ainda pode morrer antes desta tarde.

**Josiane** (*segurando a cabeça*) – Eu poderia ser eu. Não me sinto realmente muito bem. (*Tentando rir*) Não me envenenaram, pelo menos, não é? (*Josiane fica em frente ao retrato dos quatro filhos sobre a lareira*) O que vamos fazer com esta foto? Não a vamos deixar aqui quando a casa for vendida. Quem a vai levar?

**Frédérique** – Podíamos fazer cópias...

**Josiane** – Lembra-te que o negativo desapareceu há muito tempo!

**Pierre** (*irônico*) – Só precisaríamos cortá-la em quatro pedaços. Cada um ficaria com a sua foto. (*Para Josiane*) Podias digitalizá-la e colocá-la no teu próprio site para atrair velhos pervertidos.

**Josiane** – Seria uma pena cortá-la. Uma foto tão bonita.

**Pierre** – Sim, tens razão. É muito decorativa sobre a lareira...

**Josiane** – Só temos que decidir por sorteio. Olhem, há um maço de fósforos ali.

*Os outros parecem surpresos. Josiane pega a caixa de fósforos que está no parapeito da lareira ao lado da foto. Ela pega quatro fósforos, corta três e volta com os quatro fósforos que estão sobrando na mão.*

**Josiane** (*excitada*) – Quem tiver a ponta vermelha ganha... Jeff, começa.

*Jeff concorda sem entusiasmo. Puxa um fósforo que não tem a extremidade vermelha.*

**Josiane** – Agora é a tua vez, Frédérique!

*Frédérique obedece, com a esperança de ganhar, mas ao mesmo tempo com um vago sentimento de desconforto. Pierre observa a cena consternado. Frédérique também tira um fósforo que não tem a extremidade vermelha. Uma vaga decepção aparece no seu rosto.*

**Josiane** (*cada vez mais excitada*) – Agora, Pierre, a disputa está entre ti e eu.

*Pierre levanta-se preguiçosamente.*

**Pierre** – Não há uma história assim na Bíblia? Uns gângsteres que jogam ao dado pelo Santo Sudário?

**Frédérique** (*irônica*) – Não sabia que lias a Bíblia...

**Pierre** – É cultura geral.

*Pierre puxa um fósforo com a extremidade vermelha. Uma decepção infantil aparece no rosto de Josiane, que não gosta de perder.*

**Josiane** – Bem! Nunca tenho sorte em jogos!

*Pierre pega um cigarro e, ostensivamente, acende-o com o fósforo. Ele exala uma baforada de satisfação. Josiane olha para ele.*

**Josiane** – Agora fumas?

**Pierre** – Sim... Sim, faz pelo menos uns vinte anos. Não tinhas percebido?

**Josiane** – Li numa revista outro dia que cada cigarro encurta a vida em dez minutos. Quantos cigarros fumas por dia?

**Pierre** – Pelas minhas contas, já deveria ter morrido há seis meses. Não entendo.

**Josiane** – E tu, Frédérique? Não fumas?

**Frédérique** – De vez em quando. Lights.

**Pierre** – Frédérique, mesmo que fumasses charros, seriam lights.

**Josiane** – Ah, sabes, os lights são tão prejudiciais quanto os outros! Talvez até mais.

**Pierre** – Não me lembro de quem comparou a vida com uma garrafa de absinto ou algo assim. Cada um recebe uma ao nascer. Alguns bebem uma gota por dia para fazer a digestão, outros bebem tudo de uma vez e ficam bêbados.

**Frédérique** (*com ironia*) – Isso não é uma fábula de La Fontaine, da Cigarra e da Formiga?

**Pierre** – Os grandes temas são universais... É claro que podemos ser alternadamente cigarras e formigas. Nos anos 70, tu também vestias como hippie, lembra-te? Tinha um amigo com cabelos compridos que tocava guitarra. Como se chamava ele? Ah sim, Paul! Ele era professor. Talvez até fosse um pouco de esquerda na época. Paul cantou um verão, e no inverno seguinte casaste com o anestesista.

**Frédérique** – Ele chama-se Jérôme.

**Pierre** – Carpentier, sim. Frédérique Carpentier soa melhor do que Frédérique Fernandez...

**Frédérique** – Querias que eu ficasse com o meu nome de solteira? Não reivindico as minhas raízes espanholas, é isso que tu queres dizer?

**Pierre** – Podia ter feito com que os teus filhos soubessem que eram vagamente primos da sua empregada doméstica portuguesa. Eles pensam que são de uma raça especial, as empregadas.

**Frédérique** – Estás delirando!

**Pierre** (*rindo*) – Percebeste o que escapaste? Papai ficou muito à vontade chamando Jeff de Jesus. Ele poderia ter te chamado Mercedes. Quero dizer, teria sido tão bobo, o mesmo nome do carro do teu marido...

*Josiane está cada vez pior, mas ninguém repara nela na discussão.*

**Josiane** – Oh, estou tonta... Tenho a cabeça como uma melancia...

**Pierre** – Ah, sim! Mudaste muito desde os anos 70. Lembro-me daquele ano do referendo de De Gaulle em 69, brigaste com o papai porque ele estava votando sim. Dizias que era um plebiscito. Deves ter aprendido essa palavra na escola no dia anterior. Isso me impressionou. Que tivesses coragem de chamar o De Gaulle de ditador na frente do papai. Te admirei por isso...

**Frédérique** – Não podemos ficar adolescentes a vida toda. Além disso, não podemos dizer que te tornaste um pária. Naquela época, lias "Rock & Folk". Agora lês "La Vie Financière"...

**Pierre** – Mas eu não voto na Frente Nacional...

**Frédérique** – Bem! Uma vez! Foi um voto de protesto...

**Pierre** – Poderias protestar votando na Liga Comunista Revolucionária ou nos Testemunhas de Jeová. Por que logo na Frente Nacional? Se não concordas nada com as ideias deles...

**Frédérique** – Não tenho que me justificar.

**Jeff** – Bem, ok, temos que ir lá...

**Pierre** – Daqui a uma hora!

**Jeff** – Se é para passar a hora brigando...

**Josiane** (*com voz fraca*) – Ele está certo. Pelo menos, por uma vez que nos encontramos, poderias fazer um esforço, Pierre!

**Pierre** – Ah, não! Estou cansado de ter que fazer esforços, precisamente. E menos quando nos reunimos! E o que nos reúne? Viemos buscar o nosso cheque. Daqui a uma hora, o teremos. Cada um vai embora pelo seu lado e provavelmente nunca mais nos veremos. É preciso acabar com essa hipocrisia!

**Jeff** – Brigar não adianta de nada.

**Pierre** – Escuta, Jeff. És muito gentil, mas volta à terra! Sabes o que as tuas queridas irmãs dizem de ti pelas costas? Que és um cavalheiro, sim, mas que arruinaste o negócio do papá porque não consegues levantar-te de manhã.

*O rosto de Jeff fica paralisado.*

**Frédérique** (*levantando-se*) – Nunca disse isso!

**Pierre** – É verdade. Tal como na política, também aqui não tens a coragem de admitir as tuas opiniões. Josiane, pelo menos, tem o mérito de dizer o que pensa.

**Josiane** – Talvez seja melhor irmos apanhar um pouco de ar...

**Frédérique** – Espera, quem és tu para dar lições a todos?

**Pierre** – Talvez eu não seja grande coisa, mas sou o que sou. Não me contentei em dizer sim em frente ao senhor prefeito para conseguir...

**Frédérique** – O que queres dizer exatamente?

**Pierre** – Achas que és superior a nós porque tens um relvado à inglesa, uma lareira rústica e vigas de madeira à vista. Mas, para além de teres uma vida de recém-rica completamente amargurada, o que fizeste para conseguires tudo isso? Casar com um anestesista e fazer-lhe dois miúdos mal-educados! A vida não é uma anestesia geral.

**Frédérique** – E tu, o que fizeste de extraordinário na tua vida? Achas que és um escritor porque traduziste três romances cor-de-rosa. E um guionista porque escreveste algumas séries estúpidas.

**Pierre** – Os teus miúdos é que as veem, essas séries estúpidas. E esses romances cor-de-rosa, se não tivesses vergonha de os comprar, também os lias. Aliás, nem precisas deles. A tua vida inteira é um romance cor-de-rosa. Mas repara, nos romances cor-de-rosa, a história pára quando a jovem enfermeira se casa com o médico rico. Nada sobre a emocionante vida das mulheres dedicadas ao lar.

**Frédérique** – O que é certo é que tu não vais casar em breve... Sempre viveste como um egoísta. Pergunto-me que tipo de mulher iria querer algo de ti. Vais acabar um solteirão...

**Pierre** – Prefiro acabar solteirão do que um velho estúpido.

**Frédérique** – Para que escolher quando podes ser os dois?

*Josiane está prestes a desmaiar, mas ninguém a está a observar.*

**Josiane** – Espero que não vá desmaiar... Estou com os ouvidos a zunir...

**Pierre** – Vês, o que não suporto em ti não é que o teu padrão de vida seja desproporcional ao teu coeficiente intelectual, mas que ainda encontras uma maneira de acreditar que o salário mínimo miserável dos árabes que recolhem o teu lixo prejudica o teu orçamento de férias. As tuas férias no Club Med, com excursões organizadas fora do clube para ir observar os costumes dos nativos. Sem sair do jipe, como num zoológico.

*Frédérique e Pierre olham-se desafiadoramente. De repente, Josiane desaba. Os outros três, surpreendidos, finalmente voltam-se para ela e correm para junto dela.*

**Frédérique** – Josiane? Como estás?

*Frédérique dá bofetadas cada vez mais fortes nas bochechas da irmã para a reanimar. Josiane reage, mas fica mais ou menos inconsciente.*

**Pierre** – Seria melhor levá-la ao hospital.

**Escuro.**

## À tarde

*Os quatro voltam. Frédérique segura o braço de Josiane.*

**Josiane** – Oh, já estou melhor, obrigada.

**Jeff** – Deverias ir descansar um pouco, não?

**Josiane** – Preciso ir ao notário também. Já estamos atrasados, certo? Precisam da minha assinatura.

**Jeff** – Liguei para a agência e adiámos o encontro. Podes ir descansar.

**Josiane** – Bem...

*Josiane dirige-se ao quarto, acompanhada por Frédérique.*

**Pierre** – Achas que foi a discussão que tivemos há pouco que a deixou neste estado? Não sabia que ela era tão sensível...

**Jeff** – Não acredito... É estranho, eu também comi o atum e não tive problemas de digestão... Acho que a Frédérique tem razão, pode ser uma alergia.

**Pierre** – Acho que se ela fosse alérgica ao atum, já teria percebido, dadas as vezes que o comeu na vida. Se fosse, de qualquer forma, um bife de panda com molho de eucalipto... Mas era uma fatia de atum com molho provençal...

**Jeff** – O que disse o médico?

**Pierre** – Não sei. A Frédérique é que foi com ela.

*Frédérique regressa.*

**Jeff** – E então? É uma alergia?

**Frédérique** – Não...

**Pierre** – Uma intoxicação alimentar?

**Frédérique** – Não tem nada a ver com o que comeu...

*Os outros dois começam a ficar intrigados.*

**Jeff** – Isso teria-me surpreendido...

**Pierre** (*irónico*) – Então, o que é? Os primeiros sintomas da menopausa?

*Diante do olhar repreensivo dos outros dois, Pierre tenta desdramatizar.*

**Pierre** – Bem, está bem... Não vai morrer.

**Frédérique** – Não, mas o Jérôme diz que quando se contrai doenças infantis na idade adulta, pode haver complicações.

**Jeff** – Que tipo de complicações?

**Frédérique** – Malformações fetais para as mulheres grávidas no caso da rubéola...

**Pierre** (*sorridente*) – Se for só isso... No caso da Josiane...

**Frédérique** – E nos homens, uma infecção nos testículos que às vezes leva à esterilização definitiva.

*Pierre fica rígido e processa a informação. Silêncio.*

**Pierre** (*para Jeff*) – Tiveste sarampo quando eras pequeno?

**Jeff** – Sim... E tu?

**Pierre** – Não sei...

*Josiane regressa. Pierre dá um passo para trás.*

**Josiane** – Não consigo dormir, então...

**Jeff** – Estamos bem a tempo. Disse que estaríamos lá por volta das cinco da tarde.

*O telemóvel de Josiane toca. Ela atende, falando muito, com a mesma simpatia afetada que usou na primeira chamada telefónica.*

**Josiane** – Sim? Olá... Sim, sou eu... Bom dia... (*Variando o tom, um pouco mais natural*) Oh, desculpa, Pascual, não reconheci a tua voz. Como tens estado? E a tua mulher?... Um acidente de carro... Oh, lamento... Estou verdadeiramente triste... Oh, sim, claro... E quantos anos tinha?... Ah, é cedo para um fim... E dizes que ela realmente morreu? Claro, se eles te disseram... Escuta, o seguro vai compensar-te... Quantos quilómetros tinha no odómetro? Oh, mesmo assim... E a tua mulher, não teve nada? Bem, é o mais importante, certo? Quem é que teve a culpa? Espero que não tenhas... Oh, mas parar no acostamento para atender o telefone não é permitido! Deve-se saber o que eles pedem... Sexta-feira? Sim... Ok, Pascual... Até logo. (*Ela desliga*) Era o meu dentista. (*Os outros olham para ela*) Fazemos teatro juntos...

*Um momento de estupefação.*

**Jeff** – Fazes teatro com o teu dentista?

**Josiane** – Sim. Bem, amador... Ele está a montar "As Sábias".

**Frédérique** – O teu dentista está a montar "As Sábias"?

**Josiane** – Claro que sim.

**Pierre** – Um dentista que faz teatro... Eu pensava que isso era geneticamente impossível. Deve ser um mutante.

**Frédérique** – Tens a certeza de que ele é dentista?

**Pierre** – Ele não diria isso para se gabar, de qualquer forma... Bem, se ele monta apenas "As Sábias", não tens com que te preocupar...

**Josiane** – Preocupo-me com os meus dentes... Que queres... Todos na nossa família têm dentes podres.

**Pierre** – Mais uma característica herdada dos nossos pais.

**Frédérique** – Com a tua herança, podes pagar os implantes. Como eu...

**Josiane** – Mamários?

**Frédérique** – Dentários!

**Josiane** – Oh... Além disso, não sei se vale a pena... A partir dos sessenta, sabes, instalamo-nos na provisoriedade. Quando se trata de refazer algo, é o mesmo que com os carros. Dizemos a nós mesmos, bem, não vale a pena mudar uma peça porque talvez outra, mais essencial, vá falhar em breve...

**Pierre** – É engraçado, eu não conhecia a tua paixão por carros...

**Jeff** (*olhando para o relógio*) – Bem, já devíamos estar a caminho. Josiane, tens a certeza de que consegues ir?

**Josiane** (*levantando-se, cheia de energia*) – Claro que sim! Ainda não estou morta! Não antes de ter a minha herança nas mãos...

**Jeff** – Tens o livro de família dos nossos pais? O notário queria uma cópia...

*Josiane remexe no seu bolso, retira o documento e exhibe-o.*

**Josiane** – Aqui está!

**Pierre** (*intrigado*) – Posso ver?

*Josiane parece hesitar.*

**Josiane** – Porquê?

*Os outros olham para ela, intrigados também com a sua relutância.*

**Pierre** – Não sei, nunca o vi... Não tenho a certeza de saber qual era o terceiro nome da minha avó paterna...

*Josiane estende-lhe o livro de família, e Pierre folheia-o, enquanto os outros se preparam para sair.*

**Pierre** (*divertido*) – Ouçam, aposto que nem sabem a que horas nasci. Nem se lembram da data do meu aniversário...

*Os outros ignoram a ironia de Pierre. Ele continua a folhear o livro de família e a sua expressão muda de repente.*

**Pierre** (*lendo*) – Há uma quinta filha...

*Pierre, que não brinca mais, vira-se para os outros, que também estão surpreendidos.*

**Pierre** – Sabiam que fomos cinco?

**Josiane** (*depois de uma pausa*) – Sim...

**Frédérique** – Acho que sim... Não estava certa...

*Jeff, um pouco confuso, procura nas suas algibeiras.*

**Jeff** – O que fiz com as minhas chaves...

**Pierre** – Esse é o único efeito que isso te faz, saber que tiveste uma irmãzinha que morreu...?

*Jeff para de procurar as chaves do carro, percebendo a gravidade desta informação. Frédérique inclina-se para ver o livro de família por cima do ombro de Pierre.*

**Frédérique** (*lendo*) – Emilie. Falecida... (*Contando de memória*) Tinha quinze dias...

**Pierre** (*com lágrimas nos olhos*) – Quinze dias... É muito... (*Para Josiane*) E tu, sabias disso? Por que nunca nos disseste nada?

**Josiane** (*também emocionada*) – Mamãe nunca falava sobre isso... O que teria mudado?

*Silêncio pesado.*

**Escuro.**

## Por la noite

*Os quatro entram. Retiram seus casacos em silêncio.*

**Josiane** (*com alegria forçada*) – Bem, e que tal um brinde?

*Um ambiente pesado paira no ar.*

**Josiane** – Eu vi uma garrafa de espumante por aqui. Não vamos deixá-la para trás. Deve estar um pouco morno, mas, afinal...

*Ela tira uma garrafa da vitrine e quatro copos.*

**Frédérique** – Acho que vou passar. O espumante não me cai muito bem...

**Josiane** (*abrindo a garrafa*) – Vamos, vais brindar conosco!

*Josiane enche as taças de espumante. Frédérique não recusa. Josiane distribui as taças.*

**Pierre** (*irônico*) – Por que estamos brindando exatamente?

**Jeff** – Pela venda.

**Josiane** – Pelos nossos cheques! (*Eles brindam e bebem em silêncio*) O fisioterapeuta foi simpático... (*Para Jeff*) Ele é casado?

**Jeff** – Eu não acho...

**Frédérique** – Ele tinha um ar meio efeminado, não tinha?

**Josiane** – Seja como for, eu adoraria que ele me desse uma massagem. Mesmo que eu tivesse pena de passar caxumba para ele. Dizem que, às vezes, quando afeta homens, pode causar impotência... Não é, Frédérique?

**Pierre** (*irritado*) – Sim, tudo bem, chega.

**Frédérique** – De qualquer forma, ele não era muito velho. É estranho comprar uma casa de campo com essa idade... (*Comovida*) Isso torna ainda mais estranho pensar que esta casa está vendida. Que não vamos mais voltar...

**Jeff** – Sim. O verão foi muito agradável...

**Pierre** – Já faz muito tempo que não viemos, não é?

**Frédérique** – Em todo caso, faz muito tempo que não viemos juntos...

**Josiane** – Catorze anos. A última vez que nos reunimos os quatro foi há catorze anos. (*Os outros três ficam intrigados com essa precisão*) Celebramos o aniversário de Bruno. Ele ainda me fala sobre isso quando olha as fotos. Foi uma festa linda... Foi um ano antes do meu divórcio... Naquela época, eu também gostaria de nos ver com mais frequência. (*Os outros ficam em silêncio, irritados, enquanto Josiane mantém seu sorriso*). Volta estas tarde, Frédérique?

**Frédérique** – Sim, era o que eu planejava... Bem, não sou obrigada. Tenho um voo de volta aberto...

**Jeff** – Podes ficar conosco até amanhã. Nós a deixaremos no aeroporto no caminho.

**Pierre** (*irônico*) – Bem, se estás realmente com pressa, vai embora... Todo mundo sabe que és muito ocupada...

**Jeff** (*com autoridade*) – Pierre...

*Pierre faz um gesto para indicar que não vai continuar a briga.*

**Frédérique** – Tudo bem, então.

**Josiane** – Então passamos a noite juntos! Em família...

*Silêncio.*

**Pierre** – Querem ir a um restaurante? Eu convido. Por conta do meu cheque...

**Frédérique** – Que generosidade...

*Pierre faz um esforço para não responder à provocação.*

**Pierre** – Bem, de qualquer forma, não ao restaurante de hoje ao meio-dia... É verdade que foi bastante nojento... Que ideia abrir um restaurante em um lugar desses...

**Josiane** – É mais giro comer aqui, não é? Será a última vez.

**Jeff** – Comer o quê?

**Josiane** – Vamos procurar algo. Vamos esvaziar as vitrines.

*Jeff procura nas vitrines e tem a sorte de encontrar algo.*

**Jeff** (*como se fosse um garçom de um restaurante chique*) – Espaguete de dez anos de idade acompanhado por um pequeno molho em lata perto da data de validade.

**Josiane** – Oh, nós também estamos perto da data de validade.

*Frédérique desaparece na cozinha com os suprimentos. Josiane a segue de perto. Pierre e Jeff ficam sozinhos.*

**Pierre** – Eu sei sobre a empresa... O que vais fazer?

**Jeff** – Eu não sei. Ainda há muitas coisas para ajustar. (*Silêncio*) Então, também achas que eu afundei a empresa porque não nasci para ser chefe?

**Pierre** – Acho que essa empresa só poderia funcionar com alguém que aceitasse dedicar-se a ela quinze horas por dia. Como o papai. Mas, na época do papai, era diferente. Não é de se estranhar que não quisesses continuar. Nenhum de nós o faria.

**Jeff** – Não deveria ter aceitado a responsabilidade.

**Pierre** – Era preciso um bode expiatório...

*Pausa.*

**Jeff** – Talvez eu abra um restaurante...

**Pierre** – Um restaurante? Mas não sabes cozinhar espagete...

**Jeff** – Nada de restaurantes gourmet. Estou pensando mais em uma pizzaria. Para fazer pizzas, não precisas saber cozinhar. E, é claro, vou contratar funcionários.

**Pierre** (*intrigado*) – Já tem alguma ideia?

**Jeff** – Sim... O restaurante é o mesmo onde almoçamos hoje. O proprietário quer vendê-lo... Levei-os lá por esse motivo, para ouvir as suas opiniões. (*Pierre, atônito, não responde*) E então?

**Pierre** – Por que lá?

**Jeff** – Por que não? Catherine e eu não suportamos a região de Paris. E para as crianças será ótimo. Há uma moradia acima. Respiraremos o ar do campo. Agora que a empresa vai fechar... Preciso me reinventar. O que achas?

**Pierre** (*irritado*) – Bem... Não é uma localização muito boa, não é?

**Jeff** – Fica ao lado da estação.

**Pierre** – Só há dois trens por dia.

**Jeff** – Há um terraço.

**Pierre** – Sim. Esmagado entre a linha do trem e a rodovia. É uma pena ter um terraço ali quando as pessoas que vão ao campo não querem comer à beira da estrada. Além disso, o terraço só é bom quando o tempo está bom. No verão, talvez. Mas o resto do ano não tem muita gente, não? Não estava lotado ao meio-dia... Por que achas que o proprietário está vendendo?

**Jeff** – Com raciocínios como esse, nunca faríamos nada... É preciso atrair as pessoas e convencê-las, claro. Mas não há nenhuma pizzaria na região. Tenho certeza de que isso pode dar certo. Não é porque estás à beira-mar que queres comer peixe todos os dias.

**Pierre** – Também não são pizzas... Já fez algo a respeito do restaurante?

**Jeff** – Assinei um pré-contrato de compra... Descobri que o restaurante estava à venda quando vim cuidar da casa. Tive que agir rapidamente. Nós decidimos...

**Pierre** – Então, o que queres que eu diga? Se quisesses minha opinião, por que não a pediu antes?

**Jeff** – Porque eu estava certo de que a criticarias. Claro, sempre sabes de tudo. Consegues tudo.

**Pierre** – Deixa pra lá. Já faz mais de um ano que não escrevo nada, ou pelo menos nada que tenha vendido. Não é meu estilo reclamar, é só isso. Mas eu conheço bem os fracassos, acredita. E não apenas no campo profissional. (*Ele percebe que Jeff está chateado*) Me desculpa, Jeff. Quando pedes minha opinião, eu dou. Mas eu também não sou um especialista em restaurantes. Posso estar errado. Espero estar errado... (*A tensão diminui*) Então também achas, como Frédérique, que sou egoísta e presunçoso?

**Jeff** – Acho que deverias tentar ser um pouco mais indulgente... Compreender os outros...

**Pierre** – Eu sei. Não deveria ter falado assim com Frédérique, antes.

**Jeff** – Sempre foste o implicante da família... Mas estás certo. Também não é bom aceitar tudo sem questionar.

**Pierre** – Eu só queria que estivéssemos mais próximos uns dos outros. Mais solidários.

**Jeff** – Nós nunca fomos muito solidários, sabes... É que não te lembras direito... Quando éramos crianças, fazíamos coisas terríveis uns aos outros. Um dia até me perseguiste no jardim com um martelo na mão (*Pausa*) Sempre quis te perguntar. Se tivesses me pegado naquele dia, terias realmente quebrado meu crânio?

*Pierre finge refletir.*

**Pierre** – Acho que não. Mas fiquei tão feliz por ter te assustado. Era o menor. Eu gostava quando alguém tinha medo de mim. Depois, Frédérique me disse que eu era louco. Ela parecia tão convencida que por muito tempo eu me perguntei se ela não tinha razão. Às vezes, ainda me pergunto... Estás certo, nunca nos demos muito bem, nós quatro. É o mito de "no passado, tudo era melhor". No final, nada mudou...

**Jeff** – O que mudou é que, naquela época, éramos obrigados a suportar uns aos outros. Após a venda da casa, nada nos obriga mais a isso. Agora, precisamos nos entender. Se queremos que nossos filhos tenham tios e tias.

**Pierre** – Nossos filhos... Mas o que temos em comum?

**Jeff** – Nada. Nada que possa ser dividido por quatro.

**Pierre** – Estás triste por termos vendido a casa?

**Jeff** – De qualquer forma, é tarde demais.

**Pierre** – Isso já era antes de assinarmos, não é? Eu não via a mim mesmo passando minhas férias de verão aqui com Jérôme, chorando sobre o buraco da Previdência Social e sobre os impostos que sufocam as profissões liberais na França... Me surpreende que não tenha visto a relação entre as duas coisas: se a Previdência Social está em déficit é porque os dentistas e outros médicos ganham demais, não?

*De repente, a luz se apaga.*

**Jeff** – Droga, uma queda de energia.

**Pierre** – Há fósforos na lareira.

**Jeff** – É a água que precisamos...

**Pierre** – O quê?

**Jeff** – Passe-me a garrafa de água que está na mesa.

*Pierre passa a garrafa, sem entender. Jeff enche o tanque da lâmpada a carbureto na lareira, quebra um fósforo e acende a lâmpada. Uma luz fraca ilumina o ambiente.*

**Pierre** – O que é isso?

**Jeff** – Lembras, não?

**Pierre** – Não...

**Jeff** – Tinha chovido o dia todo. Isso é meio raro aqui em agosto. Papai decidiu nos levar para pegar caracóis. Ele nos arrastou por todas as lojas do bairro até encontrar esta máquina.

**Pierre** – Oh sim, a lâmpada a carbureto...

**Jeff** – Mas havia duas ou três lanternas em casa. Eu me pergunto por que ele precisava de uma lâmpada de carbureto para pegar caracóis. Isso deve tê-lo lembrado de sua juventude.

**Pierre** – Como funciona?

**Jeff** – O carbureto é uma espécie de carvão. A água cai de cima em gotas e isso faz com que um gás se solte e queime.

**Pierre** – Eu não me lembrava disso.

**Jeff** – No final, não vieste conosco. Papai nos acordou às quatro da manhã. Mas, naquela manhã, foste tu quem não conseguiu sair da cama... *(Pausa)* Fomos nós dois. Foi estranho. Ele falava baixo, como se tivesse medo de que os caracóis fugissem ao nos ouvir chegando. Voltamos com um balde cheio... Na manhã seguinte, havia caracóis por toda a casa. Tínhamos esquecido de colocar uma tampa no balde. Sem fazer alarde, um caracol pode ir longe em uma noite... *(Pausa)* Acho que papai ficou desapontado por tu não teres vindo conosco...

*A luz volta.*

**Pierre** – Isso não durou muito.

*Jeff apaga a lâmpada. Silêncio. Pierre, melancólico, muda de assunto.*

**Pierre** – E Tua família, como está?

**Jeff** – Catherine começou um treinamento como assistente de contabilidade. Assim, ela poderá cuidar das finanças no restaurante. Acho que não tenho aptidão para isso...

**Pierre** – E Tuas crianças? Já faz muito tempo que não as vejo...

**Jeff** – Estão bem.

**Pierre** – É engraçado. Não digo isso para te agradecer, mas nunca vi crianças tão bem-educadas.

**Jeff** – Porque muitas vezes não as vêes...

**Pierre** *(sorridente)* – Estás certo. Deveríamos poder escolher as crianças. E as crianças escolherem seus pais...

**Jeff** *(divertido)* – Sabes que acabou de dizer uma grande bobagem?

**Pierre** – Eu sei. É porque não tenho filhos. Tenho medo, aliás, de ter um. Especialmente um menino. E ainda mais se ele for como eu... Não tenho certeza de que saberia realmente dizer a ele por que a vida merece ser vivida. No final, sou como papai. Não saberia dizer isso ao meu filho...

**Jeff** – Talvez fosse uma menina...

*Pierre se levanta, preocupado.*

**Pierre** – Desculpe, tenho que atender uma ligação telefônica.

*Pierre pega seu celular e sai. Enquanto Jeff se dirige para os quartos, Pierre permanece na sala.*

**Pierre** – Sou eu... Sim, eu sei, mas não era o momento certo para lhes contar isso. Até tive uma discussão com a minha irmã... Oh, como de costume, mas desabafei tudo o que estava sentindo. Não deveria ter feito isso, mas fiquei aliviado... (*Variando o tom, com uma falsa calma*) Então, ligaste para o laboratório?... Negativo! (*Suspirando, aliviado*) Uau, estou mais tranquilo afinal! Reconheço que estava um pouco apreensivo. Mesmo quando não se assume riscos, estatisticamente, aos cinquenta anos, um solteiro como eu... Apesar da vida monástica que eu levava antes de te encontrar... (*Inquieto novamente*) Já agora, quando estiveres em casa, podias verificar na minha caderneta de saúde que está na gaveta de baixo do meu escritório se já tive papeira?

*Jeff volta e se instala confortavelmente numa poltrona. Pierre, irritado, afasta-se em direção aos quartos para terminar a sua conversa telefônica. Frédérique chega da cozinha com uma esponja na mão.*

**Pierre** (*afastando-se*) – Não, vou explicar... Não, não é urgente, mas...

*Pierre desaparece em direção aos quartos. Frédérique arruma a mesa. Ela olha para Jeff sentado imperturbável enquanto ela limpa.*

**Frédérique** (*brincando*) – Tudo bem, descansando?

**Jeff** – Sim, muito bem. (*Procurando as palavras certas*) Sabes, não devemos levar muito a sério o que Pierre disse...

**Frédérique** (*magoada*) – Desta vez, ele passou dos limites. Nunca ninguém me falou assim. Achas que posso simplesmente aceitar o que ele me disse há um tempo atrás?

**Jeff** – Muitas vezes, ele também aguenta muita coisa sem dizer nada... E, francamente, ele não é o único... (*Frédérique olha para ele, um pouco surpreendida*) Escuta, Frédérique, eu não gostei nada das brincadeiras grosseiras que Jérôme fez na tarde do funeral da mãe. Poderíamos ter aproveitado a oportunidade para nos reunirmos como família. Não era um encontro de homens que gostam de fazer piadas. Era tua responsabilidade lembrar-lhe disso... (*Pausa, controlando a raiva*) Ele deveria ter se comportado, e da próxima vez ele vai, ou então eu vou dar um soco na boca dele.

*Frédérique fica surpresa com esse acesso incomum de autoridade por parte de Jeff.*

**Frédérique** (*perturbada*) – Desculpa... Eu sei, foi terrível. Eu disse isso a ele depois, garanto...

**Jeff** – Depois, já era tarde demais...

**Frédérique** – De qualquer forma, não vai se repetir...

**Jeff** – Tem certeza, Frédérique. Não se enterrou os pais duas vezes... (*Levantando-se*) Há momentos na vida que não podemos desperdiçar. Perdemos muitas oportunidades de nos reunirmos como família...

**Frédérique** (*tentando voltar à carga*) – Mas ele, não achas que poderia ser um pouco mais tolerante?

**Jeff** – Por uma vez, vou fazer uma piada. Tolerância, há lugares para ela... Na minha casa, no Natal, não quero que vire um bordel.

**Frédérique** – Está bem...

**Jeff** – Vou colocar uma toalha.

*Pierre volta do quarto. Josiane chega com uma câmara.*

**Josiane** – Que tal fazermos uma última foto dos quatro aqui? Eu tenho um disparador automático!

*Os outros não parecem gostar da ideia, mas Josiane já colocou a câmara na mesa após ajustar o disparador. Os quatro se posicionam em frente à lareira, na mesma posição e com a mesma expressão que têm na foto da escola. O flash dispara. Eles se separam. Josiane ajusta sua câmara.*

**Josiane** – Vou fazer quatro cópias e mandar enquadrar... Isso será o presente de Natal. Bem, vou colocar o espaguete para cozinhar.

*Jeff e Frédérique se levantam também.*

**Jeff** – Vou abrir a garrafa.

**Frédérique** – Coloco a mesa.

**Pierre** (*brincando*) – Não vejo como posso ajudar...

**Frédérique** – Podes me ajudar a colocar a mesa...

*Jeff e Josiane desaparecem na cozinha. Frédérique e Pierre arrumam a mesa em silêncio, depois se sentam. Pierre parece estar contente. Ele assobia.*

**Frédérique** – Pareces alegre, afinal... É a venda da casa ou a perspectiva de não nos vermos mais que te enche de alegria?

**Pierre** – Quanto às paperas, eles devem me dar notícias em breve, mas acabei de descobrir que não sou soropositivo... (*Frédérique fica um pouco surpresa*) Encontrei alguém. Fizemos o teste...

**Frédérique** (*friamente*) – Parabéns... Mas tem cuidado. A vida a dois é o início da acomodação. Não era isso que pensavas há pouco tempo?

**Pierre** – Desculpa pelo que disse antes. Tive que desabafar. Deve ser a crise dos cinquenta. Sabes, eu também não me tornei o que sonhava ser.

**Frédérique** – Pelo menos tentaste...

**Pierre** – Sim. Sim, tentei. Mas não consegui... Sabes do que te culpo, no fundo?

**Frédérique** – Oh, ainda tens coisas para me culpar?

**Pierre** – Há trinta anos, pelo menos concordávamos em uma coisa, que não queríamos viver como nossos pais. Mas tentando fazer exatamente o oposto, acho que tu também erraste.

*Frédérique, segurando as lágrimas, olha para a lareira.*

**Frédérique** – Estou com frio.

**Pierre** – É uma pena que não tenhamos lenha...

**Frédérique** – A lareira nunca funcionou. Seria uma pena sujar tudo agora...

*Silêncio denso.*

**Pierre** – Sabias que a empresa estava em liquidação?

**Frédérique** – Que empresa?

**Pierre** – A empresa do pai! Bem, do Jeff...

**Frédérique** – Não...

**Pierre** – A Josiane disse-me esta manhã. De qualquer forma, tu saberias.

**Frédérique** – Já suspeitava que acabaria assim.

**Pierre** – No final, talvez seja o melhor que poderia acontecer.

**Frédérique** – Estás certo... Ele nunca nasceu para gerir um negócio...

**Pierre** – Principalmente negócios de família.

**Frédérique** – Com o dinheiro da casa, talvez ele possa começar algo por conta própria.

**Pierre** – Sim...

*Silêncio.*

**Frédérique** – Jérôme e eu vamos nos divorciar...

**Pierre** (*surpreso*) – Ah, sim? Porquê?

**Frédérique** – Oh... A assistente dele também se chama Frédéric. Digamos que ele tende a nos confundir... Na clínica, ele a toma como sua esposa, embora mais jovem. E em casa, ele me toma como sua empregada...

**Pierre** (*sem saber bem o que dizer*) – Lamento...

**Frédérique** (*divertida*) – Não me digas que estás arrasado por não ter que ver mais o Jérôme...

**Pierre** – Arrasado, não. Isso seria exagerado...

**Frédérique** – Eu também acho que é para o melhor. As crianças já estão crescidas. Eu mesma poderei viver por minha conta.

**Pierre** – Oh, viver por conta própria! Cuidado, não é tão simples como parece. É um futuro ex-solteirão que te diz isso!

**Frédérique** – Sabes, a vida a dois também não é sempre um mar de rosas. É uma futura ex-dona de casa que te diz isso... Mas não quero desanimar-te. Só espero que, pelo menos, não deixes a tua mulher por uma mais jovem daqui a dez anos.

**Pierre** (*divertido*) – Minha mulher? De qualquer forma, daqui a dez anos, terei quase sessenta anos. Além disso, no que diz respeito a isso, não corro riscos. Pulei uma etapa. Vou direto para alguém mais jovem...

**Frédérique** (*intrigada*) – Que idade?

**Pierre** – Vinte e oito...

**Frédérique** – És um namorado...

**Pierre** – Namoro sempre na mesma idade. Sou eu quem envelhece...

**Frédérique** – Isso não me impedirá de ir ao teu casamento. Se me convidares...

**Pierre** – O casamento, provavelmente não será em breve. Mas, quanto ao registo de união de facto, talvez...

*Pausa. Eles se olham. Frédérique, hesitante, acredita compreendê-lo.*

**Pierre** – Tu és a primeira da família a quem anuncio isso...

**Frédérique** (*muito comovida*) – Porque eu?

**Pierre** – Talvez não te detesto tanto quanto parece. E então lembro que fui o primeiro a quem anunciaste o teu casamento. Esperavas a minha bênção para dizer sim. Oh, eu sabia que me perguntavas isso para me agradar... No entanto, fiquei feliz que me desses essa espécie de confiança. (*Pausa, com um sorriso*) Como um idiota, disse-te que podias casar com ele! Se soubesse... Temos que admitir que ele era mais simpático naquela época.

**Frédérique** – Sim...

**Pierre** – Ele tinha cabelos compridos... Na verdade, tinha cabelo... É uma loucura como as coisas têm a tendência de degenerar. Para mim, inicialmente, vocês eram a imagem da família ideal.

**Frédérique** – Sabes, a família ideal, não tenho a certeza de que exista...

*Josiane volta com um prato de esparguete. Jeff a segue com pedaços de madeira nos braços.*

**Jeff** – Havia uma cadeira velha na cozinha, completamente comida por caruncho. Vamos poder fazer um pouco de fogo.

**Pierre** – Há velhos livros ali, para acender.

**Josiane** – Além disso, proponho que queimemos todos os móveis. Para que servem! A mudança será muito mais rápida!

*Jeff acende o fogo. Olham as chamas, pensativos.*

**Pierre** – Isso faz-me lembrar de uma imagem que havia no meu livro de história quando estava na primária. Não sei por que, isso marcou-me. Mostrava Bernard Palissy, um ceramista do Renascimento, prestes a quebrar os seus móveis para não deixar o seu forno a lenha morrer e poder cozer os seus esmaltes. Foi apresentado como um ato heróico. O artista sem dinheiro que sacrifica tudo pela sua arte. É engraçado. Não tenho quase nenhuma memória da minha infância. Por que me lembro disso?

**Frédérique** – Lembro-me de uma canção: "os livros ao fogo, a professora no meio!" É o primeiro slogan subversivo que aprendi quando era criança. Pensava que isso aconteceria mesmo assim no final do meu primeiro ano de escola. Mas não... Voltámos para a nossa casa e aborrecemo-nos como ostras durante todo o verão.

**Pierre** – E a ti, Josiane, isso faz-te lembrar algo...

**Josiane** (*pronta para queimar os livros*) – Eu tinha um professor de francês quando estava no liceu. Um sujeito sem idade. Não muito velho, mas completamente apagado. Soube que em 68, ele queimou todos os livros da sua biblioteca em público. Uma espécie de auto de fé, num acesso de entusiasmo revolucionário. Depois disso, nunca mais pude vê-lo da mesma forma. Ficava sempre a observá-lo. Perguntava-me o que sobrava daquela faísca de loucura.

*Pausa.*

**Pierre** – Jeff?

**Jeff** (*sorrindo*) – Eu acendi o fogo. Não é suficiente para vocês?

*Eles ainda olham o fogo em silêncio. Josiane pega um pedaço da cadeira e coloca-o na lareira. Ela pára, intrigada, examina o pedaço de madeira e pesa-o.*

**Josiane** – É estranho. É muito leve... Parece estar completamente carcomido por dentro... (*Os outros, ainda em devaneio, não lhe prestam atenção*) Li algo sobre térmitas, na "Cazador Francês". É terrível. Não as vemos. Elas comem silenciosamente, aos poucos, ao longo dos anos. Tudo o que é de madeira. Até a estrutura... E um belo dia, o telhado da casa cai, sem aviso.

*Os outros olham-se, sem saber se devem rir ou preocupar-se. Olham o teto. Jeff pega o pedaço de madeira e examina-o.*

**Frédérique** – E então?

**Jeff** (*hesitante*) – Pode ser apenas larvas. Mas não sei. Térmitas, nunca as vi... Como são?

**Pierre** (*a Josiane*) – Não havia uma foto no artigo?

**Josiane** – Não me lembro. Vivem em comunidade, como formigas ou abelhas.

**Pierre** – Mas não fazem mel...

*Josiane examina a cadeira em que está sentada.*

**Josiane** – Também está afetada.

*Os outros lançam um olhar preocupado para as suas cadeiras, como se de repente tivessem medo de que desabem sob o seu peso.*

**Pierre** – Talvez seja melhor dar uma olhada na estrutura do sótão.

**Jeff** (*levantando-se*) – Não sei se há uma escada.

*Pierre levanta-se também e sai com Jeff. Josiane e Frédérique olham-nos partir, inquietas.*

**Frédérique** – Vai ser uma confusão!

**Josiane** – Será uma chatice se o telhado nos cair na cabeça durante a noite. Felizmente acabamos de assinar.

**Frédérique** – Espera! Se for mesmo assim, não podemos fazer como se não soubéssemos.

**Josiane** – Não sabíamos quando assinamos...

**Frédérique** – Seria uma fraude! Além disso, não podemos assumir uma responsabilidade assim! Imagina que os novos proprietários morram soterrados sob os escombros. Talvez tenham crianças...

**Josiane** – Oh, isso é problema deles. Quando se compra uma casa, é preciso verificar a estrutura. A menos que incendiemos a casa antes de sair. O seguro pagará. Incêndios acontecem todos os dias...

**Frédérique** – No dia seguinte à venda da casa? Vão achar estranho. Haverá uma investigação. Fraude no seguro pode custar caro.

*Jeff e Pierre regressam.*

**Josiane** – E então?

**Jeff** – Difícil de dizer. Não vemos grande coisa. Tenho a certeza de que a estrutura está um pouco danificada, mas também é verdade que já é antiga. Seria melhor fazer isto verificar por um especialista.

**Frédérique** – Seria melhor, afinal. Poderíamos ter problemas...

**Pierre** – Poderia parecer um erro. Mas tenho a certeza de que o comprador poderia denunciar-nos. Se ele perceber que lhe vendemos uma casa infestada de térmitas. Só refazer a estrutura do telhado custaria metade do preço da casa.

**Josiane** – E no nosso caso, se for nossa obrigação refazer a estrutura, não valeria a pena vender esta casa.

**Pierre** (*suspirando*) – Algo me dizia que tudo era demasiado simples.

**Frédérique** – Enquanto isso, o que fazemos?

**Jeff** – Veremos amanhã, mas seria melhor suspender a venda à espera de uma avaliação. Estaríamos mais descansados. Se é para nos encontrarmos daqui a um ano envolvidos num processo.

**Frédérique** – Por danos e prejuízos.

**Josiane** – Que herança! Eu estava a pensar de onde vinha toda esta poeira...

**Frédérique** (*levantando-se*) – Acho que o melhor é irmos para a cama.

**Josiane** (*inquieta*) – Acham prudente dormir aqui? Não seria melhor irmos para um hotel?

**Pierre** – Estatisticamente, teria que ser o diabo a derrubar esta barraca precisamente esta noite, depois de não termos estado juntos durante catorze anos.

*Estão prestes a sair em direção aos quartos.*

**Jeff** (*brincando*) – Vamos tentar, de qualquer forma, não espirrar muito alto.

*Eles riem.*

**Escuro.**

## Na manhã seguinte

*Frédérique, sentada sozinha na sala de estar, fuma um cigarro enquanto termina o seu café. Ela já está vestida e maquilhada. Josiane chega em camisa de noite e não parece muito desperta. Ela tenta desentupir os ouvidos com o mindinho.*

**Josiane** – Eu não suporto os portugueses... Tenho a certeza de que foi este rapaz que me pegou com papeira...

**Frédérique** – Quem?

**Josiane** – No comboio! E depois, os esparguete deram-me tanta sede... Espero que o molho não estivesse caducado depois de tanto tempo. (*Servindo-se de um copo de água e olhando para a sua irmã*) Oh, tu também estás com mau aspeto...

**Frédérique** – Dormi mal, é só isso...

**Josiane** – Não é por causa da discussão com o Pierre ontem ao meio-dia? Já o conheces, ele sempre diz em voz alta o que os outros dizem em voz baixa...

*Frédérique olha para ela, mas prefere não responder. Josiane serve-se uma chávena de café.*

**Josiane** – Eu também não dormi bem. Por causa dessas térmitas. Sonhei que elas nos comiam durante a noite. Começando pelo cérebro.

*Frédérique olha surpreendida. Josiane molha os lábios no seu café e parece perturbada, segurando o estômago.*

**Josiane** – Este café está a enjoar-me... (*Pausa*) Acho que vou vomitar...

*Josiane sai e cruza-se com Pierre que chega.*

**Pierre** – Uahh! Não estás com um aspeto muito saudável.

**Frédérique** – Obrigada. A Josiane acabou de me dizer o mesmo.

*Pierre serve-se um café.*

**Pierre** – Eu estava a falar por mim também... Depois dos cinquenta, quando Cinderela vai para a cama depois da meia-noite... Na manhã seguinte, tem a cabeça como uma abóbora...

**Frédérique** – Achas que és a Cinderela?

**Pierre** – Vocês, mulheres, sempre podem maquilhar-se antes de sair à rua.

**Frédérique** – Já estou maquilhada...

*Pierre mexe o seu café.*

**Pierre** – Desculpa. É a proximidade do Natal. Isso me deprime. Preciso ser desagradável com todo mundo, não sei porquê... Bem, sei mais ou menos porquê...

*Silêncio.*

**Frédérique** – Um dia, o papá me chamou de lado no carro antes de ir para o trabalho. Deveria ter cinco ou seis anos. Ele me anunciou que o Pai Natal não existia. Assim. Eu não tinha pedido nada. No início, estava mais orgulhosa. Isso me tornava uma pessoa mais velha. Mas logo percebi o que ele queria me dizer com isso...

**Pierre** – Sempre que ele queria nos lembrar o quanto éramos ingênuos, ele nos provocava com ironia: Acreditas no Pai Natal!

**Frédérique** – Para me vingar, quando tive a oportunidade, revelei à filha da professora que o Pai Natal não existia. Na manhã seguinte, a mãe dela me deu duas bofetadas... Não só o Pai Natal não existia, como também era para guardar a notícia para mim mesma!

**Pierre** – Será que sempre devemos perdoar os pais sob o pretexto de que talvez também tenham tido uma infância infeliz?

**Frédérique** – Pensei que, quando me tornasse mãe, seria mais indulgente com a minha. E não foi assim. Precisamente isso me permitiu ter uma medida de toda a extensão do afeto que eles não souberam nos dar.

*Josiane retorna, vestida, com um saco de lixo na mão.*

**Josiane** – O Jeff ainda não está pronto? Sempre é o último a se levantar... Bem, vou jogar o resto dos esparguete fora, senão isso vai começar a cheirar mal. Com aquele molho, não me senti muito bem quando comi... *(Pausa)* E depois vomitei no saco de lixo, para não entupir a pia...

*Os outros dois ficam chocados. Josiane sai com o saco de lixo. Jeff chega ao mesmo tempo. Como na véspera, ele parece sonolento. Mas está vestido e pronto para sair. Ele serve-se um café.*

**Frédérique** – É hora de dizer adeus a esta casa... É a última vez que tomamos o pequeno-almoço juntos. Assim como quando éramos crianças... *(Silêncio denso)* Nada nos impede de nos vermos novamente, apesar de tudo...

**Pierre** – Sim... *(Com amargura)* Mas será que nos vermos realmente faz bem?

*Josiane retorna rapidamente.*

**Josiane** – Roubaram o contentor do lixo!

**Pierre** *(irônico)* – Havia algo de valor dentro?

*Jeff, intrigado, sai para ver.*

**Josiane** – É incrível! Reparem, agora até roubam os contentores do lixo. Além disso, estamos no campo!

*Pausa. Jeff retorna.*

**Jeff** – Não roubaram, queimou. Como é de plástico, não resta nada dele. Tivemos sorte que o fogo não tenha entrado na casa...

*Jeff se vira para Josiane com um olhar suspeito.*

**Jeff** – Não terás colocado as cinzas da lareira no contentor de lixo ontem à noite?

*Frédérique e Pierre também se voltam para Josiane.*

**Josiane** – Pensei que não havia mais brasas...

**Jeff** – Devias ter percebido que havia brasas debaixo das cinzas.

**Pierre** – Não deveríamos chamar a polícia então?

**Josiane** – É incrível como os contentores de lixo queimam assim. É perigoso.

*Os outros trocam um olhar de desconfiança, habituados à má-fé de Josiane.*

**Pierre** – Mais vale enterrar tudo no jardim de uma vez por todas. Com os vapores do molho bolonhesa, o vômito da Josiane e as brasas... Isso pode desencadear uma reação química imprevisível...

**Jeff** – Há uma pá na casa de ferramentas (*eles olham para ele*) Ok, vou lá...

*Josiane está concentrada em seus pensamentos.*

**Josiane** – Ele tinha um nome estranho, esse fisioterapeuta...

**Pierre** – William.

**Josiane** – Isso, William... Esse nome lhe cai bem... Um nome tão estúpido... Embora, por outro lado, para comprar esta casa em ruínas, é preciso ser um pouco estúpido... Eu teria deixado meu número de telefone com ele, mas... É verdade que ele parecia um pouco...

**Pierre** – Um pouco o quê?

**Josiane** – Não percebeste que ele era gay?

*Frédérique, com nojo, observa a reação de Pierre, que decide falar.*

**Pierre** – Tenho algo para vos dizer... Mais vale eu contar agora.

*Josiane ouve. Frédérique sorri para encorajá-lo.*

**Pierre** – O fisioterapeuta que comprou a casa, William... Ele é meu amigo...

*Frédérique, que não conhecia esse aspecto da situação, fica tão surpresa quanto Josiane. Mais ainda quando esperava outra revelação.*

**Frédérique** (*um pouco picada*) – Bem, decidiste nos surpreender...

**Josiane** (*estupefacta*) – O fisioterapeuta homossexual?

**Frédérique** – Porque fizeste isso? Poderíamos ter resolvido se quisesses manter esta casa...

**Pierre** – Temei que fosse complicado...

**Frédérique** (*irónica*) – Claro que assim parece muito mais simples.

**Josiane** – E, além disso, a este preço... É um bom negócio, não é?

**Pierre** – A casa esteve à venda por mais de um ano. Ninguém a queria... (*Silêncio dos outros, perturbados de várias maneiras por esta revelação*) Esperei, lembro-vos de que acabámos de comprar uma casa possivelmente infestada por térmitas...

**Josiane** (*cada vez menos compreensiva*) – Vocês? Compraram juntos?

*Frédérique socorre Pierre.*

**Frédérique** – Ele é amigo dele... Não precisas fazer desenhos...

*Josiane finalmente compreende.*

**Josiane** (*com alegria*) – Oh, percebi isso também...

**Frédérique** (*irónico*) – Sim, intuição feminina...

**Pierre** – Vocês sempre estarão em casa nesta casa...

*Jeff retorna do jardim nesse momento.*

**Jeff** – É incrível!

**Frédérique** – Diz antes...

*Mas Jeff está falando de outra coisa.*

**Jeff** – Vejam o que encontrei quando estava a cavar no jardim para enterrar o lixo!

*Ele exhibe um osso.*

**Josiane** – O que é isso?

**Pierre** – Parece muito com um fêmur...

**Frédérique** – Queres dizer um osso humano?

**Pierre** (*para Jeff*) – E estava o esqueleto completo...

**Jeff** – Não continuei a cavar. Não sei o que colocaram naquele saco de lixo, porque não cheirava a rosas. Meti tudo na cova e depois tapei rapidamente.

**Josiane** – Podemos chamar a polícia, mas... Percebem? Um cadáver enterrado no nosso jardim! Podemos ter problemas...

*Frédérique parece um pouco apreensiva.*

**Frédérique** – Se for mesmo um cadáver, quem poderia ser?

*Pausa.*

**Pierre** – Talvez seja o nosso pai...

*Os outros olham para ele de maneira expressiva, pensando que Pierre está a brincar. Mas ele está falando a sério.*

**Pierre** – Da última vez que a mãe veio cá, estava com ele. E depois, nunca mais o vimos. O que nos garante que ele realmente voltou para a Amazônia?

**Josiane** (*para Pierre*) – Oh... Ainda bem que foi o teu amigo homossexual que comprou esta barraca. Pelo menos, tudo fica em família!

**Jeff** (*desorientado*) – Quem é homossexual?

**Josiane** – Pierre!

**Frédérique** (*não muito certa*) – Sim, amigos mútuos, afinal...

*Jeff processa essa informação. Pierre permanece impassível, não quer negar ou talvez não tenha ouvido a última réplica, absorto na contemplação do suposto fémur.*

**Frédérique** – Bem, não vamos precipitar as coisas. E se for apenas um osso de vaca?

**Pierre** – Ainda assim, parece muito com um fémur...

**Frédérique** – Sabes alguma coisa sobre fémures?

**Pierre** – Meu amigo é fisioterapeuta... Sou eu quem corrigia os seus exames...

**Jeff** – E, além disso, por que enterrar uma vaca no nosso jardim?

**Josiane** – O que sugere que o vizinho é um assassino em série e enterra as suas vítimas no nosso jardim, para que ninguém suspeite...

**Pierre** – Se voltarmos a passar férias aqui, prefiro que a mãe tenha matado o pai... É menos arriscado do que um vizinho psicopata...

**Frédérique** – Bem, agora não vamos resolver isso... Proponho que nos retiremos daqui. Levamos o osso para Paris e logo veremos.

*Para pensar em outra coisa, começam a se mexer para terminar os últimos preparativos para a partida. Cada um pega sua bagagem. Josiane retorna com um saco grande além da mala com a qual chegou.*

**Pierre** – Tinhas só uma mala quando chegaste, certo?

**Josiane** – Levo algumas recordações! Assim, as térmitas não as devorarão...

**Jeff** (*para Pierre*) – Fechaste a caixa de luz?

**Pierre** – Sim... Vou verificar. (*Pierre desaparece por um momento*) Está tudo bem, podemos partir.

*Os quatro irmãos estão prestes a sair da casa, com as malas na mão.*

**Jeff** (*dando uma última olhada*) – Não estamos esquecendo nada?

**Pierre** – O fémur... Vou mostrá-lo ao William...

**Jeff** – Quem é William?

**Frédérique** – Explicaremos mais tarde...

**Josiane** – Pensar que viemos aqui para resolver as questões da herança... Tenho a sensação de que não terminamos com tudo isso.

*Jeff, Frédérique e Josiane saem. Pierre é o último. Com a sua pequena mala de mão, volta para pegar a foto de família e olha por um momento, com um sorriso amargo.*

**Pierre** – As memórias... Não ocupam muito espaço, mas são difíceis de carregar.

*Eles chamam por ele do lado de fora.*

**Frédérique** (*off*) – Pierre?

**Jeff** (*off*) – Vens?

**Josiane** (*off*) – O que estás a fazer?

*Pierre coloca a foto de volta no lugar.*

**Pierre** – Bem, já estou a caminho! (*Pega o osso que está na mesa*) Quase esqueci o fêmur do papá! Agora, a família está finalmente reunida... (*Olhando para o osso*) Bem, é o começo...

*Pierre sai.*

**Escuro.**

**FIM.**

## O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque ([comediatheque.net](http://comediatheque.net)). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

*Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português*

A janela da frente  
A representação não está cancelada  
Apenas um instante antes do fim do mundo  
Bem está o que mal começa  
Bem-vindos a bordo!  
Cama e Café  
Cara ou coroa  
Cenas de Rua  
Crash Zone  
Crise e Castigo  
Cuidado, frágil !  
Denominação de Origem Não Controlada  
Depois de nós, o dilúvio!  
Ela e Ele, Monólogo interactivo  
Encontro na plataforma  
Erro da funerária a teu favor  
Euro Star  
Flagrante Delírio  
Gay friendly  
Há um autor na sala?  
Há um crítico na sala?  
Há um piloto a bordo?  
Milagre no convento de Santa Maria-Joana  
Nem sequer morto  
No fim da linha  
O amor é cego  
O Cheiro do Dinheiro  
O Cuco  
O genro perfeito  
O Jackpot  
O Joker  
O Rei dos idiotas  
Os Náufragos do Costa Mucho  
Plágio  
Por debaixo da mesa  
Preliminares  
Prognóstico reservado  
Quarentena  
Quatro estrelas  
Réveillon na morgue  
Sem flores nem coroas  
Sexta-Feira 13  
Strip Poker  
Um caixão para dois  
Um pequeno assassinato sem consequências  
Uma herança pesada

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez  
podem ser baixadas livremente no seu site :*  
<https://comediathèque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.  
Todas as contrafações são puníveis,  
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Novembro de 2023  
© La Comédiathèque  
ISBN 978-2-38602-072-8

Documento para download gratuito